

Tradução de Cícero, *Orator* 1-19

Sidney Calheiros de Lima
Universidade de São Paulo (USP)
sidneycalheiros@usp.br

RESUMO: Composto em 46 a. C., o *Orator* de Cícero é a última das grandes obras teóricas do autor romano sobre oratória. Nela o autor se propõe a tarefa de julgar qual seja o gênero mais excelente de eloquência. No prefácio do tratado (*Orat.* 1-19), o pensador se vale da teoria das formas de Platão para explicar o método que pretende seguir em sua argumentação e para defender, de antemão, uma de suas principais teses: a necessidade do conhecimento filosófico na formação do orador eloquente. É desse trecho a tradução que apresentamos, a qual vem acompanhada de breve introdução e de notas que elucidam e comentam passagens do texto.

Palavras-chave: Cícero; retórica; filosofia; literatura latina.

Translation of Cicero, *Orator* 1-19

23

ABSTRACT: Cicero's *Orator*, composed in 46 BC, is the last of his great theoretical works on oratory. In this treatise, the author proposes to judge which is the most excellent kind of eloquence. In the preface (*Orat.* 1-19), he uses Plato's theory of forms to explain the method he intends to follow in his argumentation and to defend, in advance, one of his main theses: the need of philosophical knowledge in the formation of the orator *eloquens*. We present here the translation into Portuguese of this excerpt, which is accompanied by a brief introduction, explicative notes and commentaries.

Keywords: Cicero; rhetoric, philosophy; Latin literature.

Introdução

O *Orator* foi composto no ano de 46 a. C., entre os meses de junho e setembro, na sequência da composição do *Brutus*, dos *Paradoxa Stoicorum* e do elogio de Catão, hoje perdido¹. O dedicatário da obra, Bruto, exercia na época o cargo de porcônsul na Gália Cisalpina, função para a qual havia sido designado por César. A recente vitória sobre Pompeu na guerra civil garantira a César poder absoluto sobre Roma. Cícero, que, após alguma hesitação no início do conflito se associara por fim a Pompeu, encontrava-se agora em desconfortável situação, completamente afastado da arena política da *Vrbs*. O ano de 46 marca o início de um período de intensa composição de textos teóricos, de obras sobre retórica e filosofia, que se estende, mesmo se com alguns intervalos de participação direta na vida política, até a morte do pensador romano, ocorrida em 43 a. C.

Em filosofia, Cícero se professava acadêmico² e reconhecia haver uma espécie de aliança, uma *societas*, entre o tipo de filosofia que seguia e a eloquência³. Quando apresenta, no *De diuinatione*, que é de 44 a. C., um catálogo de suas obras, o autor reconhece uma completa congruência entre seu pensamento filosófico e seus estudos sobre oratória. Mais do que isso, destaca, mesmo *a posteriori*, a unidade de concepção que teria engendrado as três grandes obras sobre oratória, que, juntas, formariam uma extensa reflexão, em cinco livros, sobre a arte:

E uma vez que Aristóteles e, do mesmo modo, Teofrasto⁴, homens que se destacam não só pela sutileza de raciocínio, mas também pela abundância do discurso⁵, reuniram com a filosofia também os preceitos da eloquência, julgamos que nossos livros de oratória devem ser incluídos na conta desses livros⁶. Assim, haverá três livros *Sobre o orador*, um quarto, o *Bruto*, e um quinto, o *Orador*.⁷

¹ As condições de composição da obra podem ser conhecidas a partir da correspondência (NARDUCCI, 2002, p. 429; CICERONE, 1970, p. 50). Para a datação das obras de Cícero, utilizamos, de modo geral, a cronologia oferecida por Powell (POWELL, 1995, p. xiii-xvii).

² Das inúmeras passagens de sua obra que manifestam sua adesão à Academia, talvez nenhuma seja tão eloquente quanto as seções de 6 a 12 do livro I do *De natura deorum*, virtual manifesto do pensamento acadêmico dos tempos de Cícero.

³ Se essa ideia é defendida, de modo geral, em diversas obras do autor, encontra a formulação em termos de uma *societas* em uma obra de 44 a. C., o *De fato*: cf. *Cic. Fat.* 3.

⁴ Vale dizer que, na visão de Cícero, haveria uma comunhão de pensamento entre os seguidores de Platão, por um lado, e Aristóteles e seus discípulos, por outro (cf. *Cic. Acad. post.* I, 18).

⁵ *Subtilitas* é termo que se liga à fineza de raciocínio, à precisão própria da investigação filosófica. *Copia*, por outro lado, é a abundância típica da eloquência louvada por Cícero.

⁶ Na passagem anterior, o autor apresentara uma lista de obras filosóficas *stricto sensu*, digamos.

⁷ *Cumque Aristoteles itemque Theophrastus, excellentes viri cum subtilitate, tum copia, cum philosophia dicendi etiam praecepta coniunxerint, nostri quoque oratorii libri in eundem librorum numerum referendi videntur. Ita tres erunt de oratore, quartus Brutus, quintus orator* (*Cic. Div.* II, 4).

De fato, não é difícil observar no *Orator* a ocorrência de uma quantidade significativa de questões que já haviam sido tratadas no diálogo *De oratore*⁸ e nessa espécie de história da eloquência romana que é o *Brutus*⁹. Mas no *Orator*, o formato de tratado confere ao autor a possibilidade de apresentar de modo mais direto suas próprias reflexões sobre a arte oratória¹⁰. Por outro lado, tendo em Bruto, que era reconhecido estudioso de filosofia e de retórica, uma espécie de interlocutor epistolar, a postura de Cícero não é a de um professor. Não é uma obra que se destine exatamente a oferecer preceitos da arte. O autor adota, frente ao destinatário, a postura de um grande conhecedor da arte que, no contexto de uma polêmica estética, oferece seu julgamento pessoal a respeito do melhor gênero de eloquência. Grassava na época uma controvérsia, inflamada por um grupo de oradores de que Bruto se aproximava e que se proclamavam “aticistas”. Eram defensores de uma eloquência mais sóbria, mais simples na elocução, menos passional. Voltaram-se contra o estilo mais grandiloquente que reconheciam em oradores como Hortênsio e Cícero, detratados, então, por esse grupo, como “asianistas”¹¹. Não é nosso escopo desenvolver aqui a história dessa polêmica ou determinar o pertencimento de um ou outro orador nos grupos rivais. Ora, a atribuição de rótulos é mesmo parte da polêmica... Mas vale ao menos refletir sobre a importância que deve ter tido, para Cícero, a oportunidade de defender seu prestígio como orador num momento de significativo isolamento político.¹²

O autor apresenta a composição da obra como resultado de insistentes pedidos feitos por Bruto, que reclamava um posicionamento seu em face da polêmica (cf. *Orat.* 1-2). A narrativa de Cícero parece de fato encontrar algum lastro nos fatos. É o que se infere de uma carta, endereçada a Ático, em que o autor do *Orator* menciona não apenas a insistência dos pedidos, mas também (e faz isso com certo amargor) o pouco entusiasmo com que Bruto recebeu as convicções defendidas por ele no tratado.¹³

Apresentamos a seguir a tradução do trecho 1-19 do *Orator*, que pode ser entendido como o prefácio da obra. Nele o autor, além de apontar os motivos que o levaram a compor a obra, expõe a dificuldade e a importância da tarefa assumida e, evidentemente, indica o propósito do tratado: apresentar qual é o gênero de eloquência que ele aprova especialmente e que ele julga ser o mais

⁸ O *De oratore* é de 55 a. C.

⁹ A defesa de uma educação que contasse com vasto conhecimento de filosofia, por exemplo, é tema central no *De oratore*. A polêmica com os defensores do aticismo, tão importante no *Orator*, já comparece no diálogo *Brutus*, cuja composição é anterior à do *Orator* em alguns meses.

¹⁰ Há quem fale da *persona* do autor como “abertamente doutrinária” (NARDUCCI, 2002, p. 427).

¹¹ Vinha sobretudo dos rétores do Oriente esse gosto pela abundância e pelo ímpeto passional.

¹² Sobre a polêmica, veja-se por exemplo a argumentação de Douglas (CICERO, 1966, p. xii-xvii). Norcio, por sua vez, discute a motivação política na composição do *Orator* (CICERONE, 1970, p. 53-54).

¹³ *Cic. Att.* 14, 20, 3.

elevado e perfeito. Para responder a essa questão, Cícero se vale do pensamento de Platão, da teoria das formas, e defende uma investigação fundamentada no pensamento filosófico, por meio da qual pretende deixar claro, já de início, um dos fundamentos de sua concepção de eloquência: a necessidade do conhecimento filosófico para a formação do melhor tipo de orador.

O texto que utilizamos foi estabelecido por Wilkins e se encontra estampado na edição de Oxford mencionada nas referências (CICERO, 1903). Quando eventualmente nos afastamos desse texto, indicamos nossa opção nas notas.

1. Texto latino de CÍCERO, *Orator* 1-19

1 *Vtrum difficilius aut maius esset negare tibi saepius idem roganti an efficere id quod rogares diu multumque, Brute, dubitavi. Nam et negare ei quem unice diligerem cuique me carissimum esse sentirem, praesertim et iusta petenti et praeclara cupienti, durum admodum mihi videbatur, et suscipere tantam rem, quantam non modo facultate consequi difficile esset sed etiam cogitatione complecti, vix arbitrabar esse eius qui vereretur reprehensionem doctorum atque prudentium.* 2 *Quid enim est maius quam, cum tanta sit inter oratores bonos dissimilitudo, iudicare quae sit optima species et quasi figura dicendi? Quod quoniam me saepius rogas, aggrediar non tam perficiendi spe quam experiendi voluntate; malo enim, cum studio tuo sim obsecutus, desiderari a te prudentiam meam quam, si id non fecerim, benevolentiam.*

3 *Quaeris igitur idque iam saepius quod eloquentiae genus probem maxime et quale mihi videatur illud, quo nihil addi possit, quod ego summum et perfectissimum iudicem. In quo vereor ne, si id quod vis effecero eumque oratorem quem quaeris expressero, tardem studia multorum, qui desperatione debilitati experiri id nolent quod se assequi posse diffidant.* 4 *Sed par est omnis omnia experiri, qui res magnas et magno opere expetendas concupiverunt. quod si quem aut natura sua [aut]¹⁴ illa praestantis ingeni vis forte deficiet aut minus instructus erit magnarum artium disciplinis, teneat tamen eum cursum quem poterit; prima enim sequentem honestum est in secundis tertiisque consistere. Nam in poetis non Homero soli locus est, ut de Graecis loquar, aut Archilochi aut Sophocli aut Pindaro, sed horum vel secundis vel etiam infra secundos; 5 nec vero Aristotelem in philosophia deterruit a scribendo amplitudo Platonis, nec ipse Aristoteles admirabili quadam scientia et copia ceterorum studia restinxit.*

Nec solum ab optimis studiis excellentes viri deterriti non sunt, sed ne opifices quidem se ab artibus suis removerunt, qui aut Ialysi, quem Rhodi vidimus, non potuerunt aut Coae Veneris pulchritudinem imitari, nec simulacro Iovis Olympii aut doryphori statua deterriti reliqui minus experti sunt quid efficere aut quo progredi possent; quorum tanta multitudo fuit, tanta in suo cuiusque genere laus, ut, cum summa miraremur, inferiora tamen probaremus. 6 *In oratoribus vero, Graecis quidem, admirabile est*

¹⁴ Seguimos a proposta de Madvig, que suprime essa partícula (CICERO, 1903, *ad locum*).

quantum inter omnis unus excellat; ac tamen, cum esset Demosthenes, multi oratores magni et clari fuerunt et antea fuerant nec postea defecerunt. Qua re non est cur eorum qui se studio eloquentiae dederunt spes infringatur aut languescat industria; nam neque illud ipsum quod est optimum desperandum est et in praestantibus rebus magna sunt ea quae sunt optimis proxima.

7 Atque ego in summo oratore fingendo talem informabo qualis fortasse nemo fuit. Non enim quaero quis fuerit, sed quid sit illud, quo nihil esse possit praestantius, quod in perpetuitate dicendi non saepe atque haud scio an numquam, in aliqua autem parte eluceat aliquando, idem apud alios densius, apud alios fortasse rarius. 8 Sed ego sic statuo, nihil esse in ullo genere tam pulchrum, quo non pulchrius id sit unde illud ut ex ore aliquo quasi imago exprimitur; quod neque oculis neque auribus neque ullo sensu percipi potest, cogitatione tantum et mente complectimur. Itaque et Phidiae simulacris, quibus nihil in illo genere perfectius videmus, et eis picturis quas nominavi cogitare tamen possumus pulchriora; 9 Nec vero ille artifex cum faceret Iovis formam aut Minervae, contemplabatur aliquem e quo similitudinem duceret, sed ipsius in mente insidebat species pulchritudinis eximia quaedam, quam intuens in eaque defixus ad illius similitudinem artem et manum dirigebat.

Vt igitur in formis et figuris est aliquid perfectum et excellens, cuius ad cogitatum speciem imitando referuntur ea quae sub oculos ipsa non cadunt¹⁵, sic perfectae eloquentiae speciem animo videmus, effigiem auribus quaerimus. 10 Has rerum formas appellat *ιδέας* ille non intellegendi solum sed etiam dicendi gravissimus auctor et magister Plato, easque gigni negat et ait semper esse ac ratione et intellegentia contineri; cetera nasci occidere fluere labi nec diutius esse uno et eodem statu. Quicquid est igitur de quo ratione et via disputetur, id est ad ultimam sui generis formam speciemque redigendum.

11 Ac video hanc primam ingressorem meam non ex oratoriis disputationibus ductam sed e media philosophia repetitam, et eam quidem cum antiquam tum subobscuram aut reprehensionis aliquid aut certe admirationis habituram. Nam aut mirabuntur quid haec pertineant ad ea quae quaerimus – quibus satis faciet res ipsa cognita, ut non sine causa alte repetita videatur – aut reprehendent, quod inusitatas vias indagemus, tritas relinquamus.

12 Ego autem et me saepe nova videri dicere intellego, cum perovetera dicam sed inaudita plerisque, et fateor me oratorem, si modo sim aut etiam quicumque sim, non ex rhetorum officinis sed ex Academiae spatiis exstitisse; illa enim sunt curricula multiplicium variorumque sermonum, in quibus Platonis primum sunt impressa vestigia. Sed et huius et aliorum philosophorum disputationibus et exagitatus maxime orator est et adiutus; omnis enim ubertas et quasi silva dicendi ducta ab illis est nec satis tamen instructa ad forensis causas, quas, ut illi ipsi dicere solebant, agrestioribus Musis reliquerunt. 13 Sic eloquentia haec forensis sprete a philosophis et repudiata multis

¹⁵ Não levamos em conta as correções adotadas por Wilkins (cf. CICERO, 1903, *ad locum*), que lê *eaque ipsa sub oculos cadit*. Seguimos a *lectio difficilior*, fundamentada nos manuscritos e amplamente adotada por editores mais recentes, como Westman (CICERO, 1980).

quidem illa adiumentis magnisque caruit, sed tamen ornata verbis atque sententiis iactationem habuit in populo nec paucorum iudicium reprehensionemque pertimuit: ita et doctis eloquentia popularis et disertis elegans doctrina defuit.

14 *Positum sit igitur in primis, quod post magis intelletur, sine philosophia non posse effici quem quaerimus eloquentem, non ut in ea tamen omnia sint, sed ut sic adiuuet ut palaestra histrionem; parva enim magnis saepe rectissime conferuntur. Nam nec latius atque copiosius de magnis variisque rebus sine philosophia potest quisquam dicere; – 15 si quidem etiam in Phaedro Platonis hoc Periclem praestitisse ceteris dicit oratoribus Socrates, quod is Anaxagorae physici fuerit auditor; a quo censet eum, cum alia praeclara quaedam et magnifica didicisse tum uberem et fecundum fuisse gnarumque, quod est eloquentiae maximum, quibus orationis modis quaeque animorum partes pellerentur; quod idem de Demosthene existimari potest, cuius ex epistulis intellegi licet quam frequens fuerit Platonis auditor; – 16 nec vero sine philosophorum disciplina genus et speciem cuiusque rei cernere neque eam definiendo explicare nec tribuere in partem possumus nec iudicare quae vera quae falsa sint neque cernere consequentia, repugnantia videre, ambigua distinguere. Quid dicam de natura rerum, cuius cognitio magnam orationi suppeditat copiam? Quid¹⁶ de vita, de officiis, de virtute, de moribus? [satisne]¹⁷ sine multa earum ipsarum rerum disciplina aut dici aut intellegi potest?*

17 *Ad has tot tantasque res adhibenda sunt ornamenta innumerabilia; quae sola tum quidem tradebantur ab eis qui dicendi numerabantur magistri; quo fit ut veram illam et absolutam eloquentiam nemo consequatur, quod alia intellegendi alia dicendi disciplina est et ab aliis rerum ab aliis verborum doctrina quaeritur.*

18 *Itaque M. Antonius, cui vel primas eloquentiae patrum nostrorum tribuebat aetas, vir natura peracutus et prudens, in eo libro quem unum reliquit disertos ait se vidisse multos, eloquentem omnino neminem. Insidebat videlicet in eius mente species eloquentiae, quam cernebat animo, re ipsa non videbat. Vir autem acerrimo ingenio – sic enim fuit – multa et in se et in aliis desiderans neminem plane qui recte appellari eloquens posset videbat; **19** quod si ille nec se nec L. Crassum eloquentem putavit, habuit profecto comprehensam animo quandam formam eloquentiae, cui quoniam nihil deerat, eos quibus aliquid aut plura deerant in eam formam non poterat includere.*

Investigemus hunc igitur, Brute, si possumus, quem numquam vidit Antonius aut qui omnino nullus umquam fuit; quem si imitari atque exprimere non possumus, quod idem ille vix deo concessum esse dicebat, at qualis esse debeat poterimus fortasse dicere.

2. Tradução de CÍCERO, *Orator* 1-19

1 Sobre se seria mais difícil ou mais grave negar a você justamente aquilo que tão insistentemente você pedia, ou realizar o que pedia, por um longo tempo

¹⁶ Adotamos o acréscimo de Sandys (CICERO, 1903, *ad locum*).

¹⁷ Não levamos em consideração esse acréscimo, que é de Reid (CICERO, 1903, *ad locum*).

eu hesitei, e muito¹⁸, Bruto¹⁹. Pois, por um lado, negar a quem de modo ímpar eu estimava e por quem percebia ser tão querido, sobretudo porque demandava o que é justo e desejava o que é distinto²⁰, parecia-me rude em excesso; por outro, encarregar-me de uma tarefa tão grande²¹, que não apenas eu dificilmente teria

¹⁸ A obra se abre com uma cuidadosa manifestação de hesitação, que conota a um só tempo pudor e prudência. Do ponto de vista da elocução, vale notar que a primeira palavra do texto, *utrum*, é termo utilizado para introduzir uma longa oração subordinada, interrogativa indireta, que depende do verbo que encerra o período: *dubitaui*. Duas ações são então contrapostas por meio da construção disjuntiva *utrum... an*: negar o pedido ou realizar a tarefa demandada. De modo muito hábil, o tratado é apresentado como fruto de uma longa, intensa e zelosa deliberação: *diu multumque... dubitaui*. Vale dizer que esse é um traço recorrente das obras de Cícero. Veja-se, por exemplo, do livro II do *De diuinatione*, de 44 a. C., que se inicia com *quaerenti mihi multumque et diu cogitanti* (Cic. Div. II, 1), mas também as cuidadosas introduções do *De finibus* e do *De natura deorum*, de 45 a. C., em que o autor manifesta clara preocupação com desarmar de antemão as críticas de potenciais detratores. Se a hesitação poderia servir estrategicamente para captar a benevolência dos leitores, afastando do autor qualquer suspeita de arrogância, não podemos deixar de reconhecer que essa postura se ajusta de modo muito coerente ao pensamento da escola filosófica que Cícero professa seguir: a Academia. Ora, ao longo de todo prefácio do *Orator*, desenvolve-se justamente uma argumentação que defende que a filosofia, especialmente a acadêmica (cf. seção 12), é fundamental para a formação do orador eloquente. Quanto à presente hesitação, note-se que ela é fruto da prudência, frente à dificuldade da matéria, mas se associa também a um pudor, que é da ordem da *urbanitas* e da relação de amizade que, ao menos como se expõe no texto, une o autor e o destinatário. Na argumentação, é justamente a amizade que faz com que o autor, talvez abandonando a prudência, se entregue à difícil empresa. Do ponto de vista lexical, vale ainda apontar para a relação que se estabelece entre o tempo e a intensidade da reflexão de Cícero e, por outro lado, a frequência com que Bruto fazia o pedido: cf. *tibi saepius idem roganti... diu multumque, Brute, dubitaui*. É espirituosa a argumentação em que o autor reflete com tanto pudor em face a uma tal insistência do amigo. Mas a insistência se justificaria, também, pela amizade e pela importância do assunto. De modo que há equilíbrio entre ambos: se Bruto ultrapassa os limites da cortesia, por um lado, e se Cícero se arrisca a ultrapassar os limites da prudência, ambos agem assim por amizade e por interesse pelo conhecimento. A insistência de Bruto como móbil para a composição ajuda também a afastar o risco de a obra ser entendida como pretensiosa: se Cícero se encarrega da difícil tarefa e se coloca na posição de juiz da oratória, isso se dá por conta da afeição que tem por Bruto, a qual julga ser recíproca.

¹⁹ A obra é dedicada a Marco Júnio Bruto, mais novo do que Cícero e reconhecidamente aplicado aos estudos filosóficos. Cícero menciona, por exemplo, um livro *de uirtute* composto por Bruto e que tinha Cícero como destinatário (cf. Cic. Fin. I, 8: *libro, quem ad me de uirtute misisti*). Bruto vinha de uma família intimamente ligada ao regime republicano e de intensa participação na vida política. Cabe lembrar que, além de ser neto de Catão, o censor, era descendente de Lúcio Júnio Bruto, fundador da república romana em 510 a. C. Durante a guerra civil, aliou-se às forças republicanas de Pompeu. Derrotado, ganhou a anistia de César em 46 a. C., ano da composição do *Orator*. Algum tempo depois, em 44, viria a ser um dos líderes da conspiração contra Júlio César. Morreu em Filipos, em 42 a. C., derrotado em batalha contra as forças de Antônio e Otaviano.

²⁰ Vale a pena refletir sobre os adjetivos que qualificam a ação de Bruto. Por um lado, o pedido é dito “justo” (cf. *iusta petenti*). Isso porque, conforme pensa Galli um comentador do texto (CICERONE, 1937, p. 12), apenas Cícero poderia realizar a tarefa proposta por Bruto e que vai ser explicitada mais adiante: encontrar a forma perfeita da oratória. Se assim for, mesmo que pretenda se afastar da suspeita de arrogância, conforme argumentamos em nota anterior, observe-se a postura ativa de Cícero, que aqui reconheceria que o pedido se faz a quem deve ser feito. Por outro lado, as aspirações de Bruto miram um conhecimento que é distinto (cf. *praeclara cupienti*). Ora, o uso político da palavra, como se sabe, era central na cultura republicana de Roma. Elevadíssima aspiração, portanto, buscar qual seja o melhor uso possível do discurso.

²¹ A argumentação explícita que, como amigo, a tendência maior, para Cícero, seria em favor da realização do pedido. Ele reconhece a extrema afeição que Bruto tem por ele (cf. *cui me carissimum sentirem*). Diante disso e da natureza do pedido, pensa que negar seria excessivamente rude. A dificuldade maior, portanto, é imposta pela matéria, a qual ele enfrenta por afeição ao amigo.

capacidade para cumprir, mas até mesmo de abarcá-la com o pensamento²², não me parecia ser próprio de quem temesse a crítica dos doutos e dos prudentes²³. **2** Pois o que é mais importante²⁴ do que, uma vez que tão grande é a diferença entre os bons oradores, decidir qual é a forma mais excelente²⁵ e, por assim dizer, a configuração da eloquência²⁶? Nessa direção, já que tantas vezes você me pede, eu avançarei²⁷, não tanto movido pela esperança de conseguir alcançar termo,

²² O adjetivo *difficile* retoma a ideia do adjetivo comparativo *difficilius*, segunda palavra do tratado, a qual expunha a dificuldade relacionada à dúvida de Cícero: o que era mais difícil: desagradar o amigo, permanecendo prudente? Agradar-lhe e arriscar-se a ser imprudente? Agora, também a dificuldade relacionada à realização da tarefa solicitada vem dividida em duas partes. A dificuldade não é apenas de ordem prática, ou seja, não se dá apenas porque realizar a tarefa talvez estivesse além das capacidades de Cícero. Há um aspecto teórico: talvez seja difícil até mesmo abarcar a questão no espírito. A distinção, aliás, aponta para a sequência da argumentação, em que se vai propor uma investigação que, bem mais do que voltada para o aspecto prático, do ensino de uma técnica, vai lidar com um elemento teórico: traçar o ideal de orador e o tipo perfeito de eloquência.

²³ As críticas viriam dos *docti* e dos *prudentes*. Para Galli (CICERONE, 1937, p. 13), os primeiros seriam os conhecedores da técnica, mais precisamente os que estudaram a retórica. Os *prudentes* seriam os que conhecem a prática oratória e que, portanto, poderiam criticar uma tentativa de forjar, abstratamente, a imagem do orador perfeito. Não julgamos inapropriado, no entanto, pensar em *prudentes* no sentido moral, isto é, aqueles que colocariam em xeque a possibilidade de realização da tarefa, tendo em vista seja a grandeza, seja a dificuldade metodológica alegada por Galli. A contraposição seria, então, entre os críticos do tipo de conhecimento exposto por Cícero e os críticos da própria empreitada.

²⁴ No original: *quid enim est maius...?* Do ponto de vista lexical, novamente se faz alusão à hesitação inicial. Em nossa tradução variamos: usamos primeiro “mais grave” e, agora, “mais importante”. Na argumentação, *maius* aqui aponta a grandeza da tarefa.

²⁵ Esta é a primeira ocorrência do importante termo *species*, que é uma das opções utilizadas por Cícero para traduzir o platônico *idéa* (CICERO, 1961, p. 21). Outros termos serão mobilizados para traduzir o conceito, como *figura* e *forma*. Em sua primeira aparição, *species* é reforçado pelo adjetivo *optima*, com o que se indica que não se trata apenas de um tipo particular que participaria de um *gênos*. Trata-se do tipo ideal, da forma perfeita da eloquência em face da multiplicidade de tipos particulares.

²⁶ Não é fácil traduzir esta ocorrência de *figura*, tendo em vista que a palavra vem modulada por *quasi*, ou seja, apresenta-se como um termo deslocado do seu sentido mais usual; com isso o autor indica que ela não se presta, senão com alguma impropriedade, para designar o conceito. Está claro, pelo contexto, que a expressão é empregada aqui para indicar a *idéa* platônica. Para Galli (CICERONE, 1937, p. 13), *figura* designa bem o conceito, pois reforça a ideia de que se trata de uma abstração, de uma construção ideal da mente. Recordemos que a raiz do adjetivo se liga ao verbo *finjo*, que pode indicar tanto a ação de forjar materialmente, dar forma, modelar, quanto também a de construir com o espírito: representar, formar na mente, imaginar. De todo modo, vale reforçar que, para Cícero, *species* parece ser um termo mais apropriado do que *figura*. Do ponto de vista da argumentação mais geral, apresenta-se neste ponto, após o suspense produzido pelo jogo de *urbanitas*, a matéria do tratado: decidir qual é a forma perfeita de eloquência. O projeto se justifica por conta da multiplicidade de tipos diferentes de bons oradores. A dessemelhança entre exemplares de eloquência, os quais alcançam circunstancialmente seus efeitos, faz com que o autor proponha a construção de uma forma abstrata da eloquência, ou seja, uma investigação sobre o que é próprio da excelência da eloquência.

²⁷ O uso figurativo de *aggredior*, com o sentido de abordar uma questão, é bastante atestado em Cícero. Quisemos, de todo modo, manter algo do sentido mais concreto; por um lado, para preservar a coloração bélica do termo, tendo em vista o contexto polêmico, em que Cícero se expõe às críticas dos adversários em favor da afeição por Bruto (note-se, aliás, a reiterada expressão da insistência de Bruto: *quoniam me saepius rogas*). Por outro lado, nossa opção se deve também ao fato de que ao longo de todo o prefácio há um uso muito significativo da reflexão sobre o espaço em que a argumentação discursiva é comparada à caminhada.

quanto pela vontade de tentar²⁸. Pois, tendo concedido ao seu interesse, antes quero que lhe falte minha prudência²⁹, caso não o realize, do que minha afeição³⁰.

3 Você pergunta, então, e isso já muitas vezes³¹, que gênero de eloquência eu mais aprovo e de que tipo me parece ser aquele gênero ao qual nada pode ser acrescentado e que eu julgo o mais elevado e mais perfeito³². Quanto a isso, se eu vier a realizar o que você deseja e a forjar³³ o orador que você busca, tenho receio de que detenha os esforços de muitos que, abatidos pela falta de esperança, não desejarão tentar o que não confiam poder alcançar³⁴. 4 Mas é justo que tudo tentem todos os que aspiram a coisas grandes e dignas de com grande ardor

²⁸ Postura congruente com o probabilismo da Academia dos tempos de Cícero. O autor confere importância à investigação, à tentativa, mesmo diante da perspectiva da dificuldade de se chegar a um resultado absoluto.

²⁹ Observe-se que o fato de não conseguir chegar a um resultado poderia render a Cícero uma acusação de imprudência. Os dois sentidos aventados para *prudentes* (da seção 1) permanecem possíveis.

³⁰ Entenda-se: *desiderari a te benevolentiam meam*, ou seja, que Bruto fique com a sensação de que Cícero não tem apreço por ele.

³¹ Há uma clara ênfase na insistência de Bruto.

³² A matéria do tratado vem aqui novamente enunciada, mas agora por meio de sugestiva expressão: *quod eloquentiae genus probem maxime?* O termo *probare* tem uma importância muito grande na concepção de Cícero a respeito do conhecimento humano. Como um acadêmico da linhagem de Arcésilas, Carnéades e Fílon, o autor julga que tudo aquilo que o homem pode conhecer é o *probabile*: de modo breve, aquilo que é digno de aprovação, depois de feito o exame dos argumentos favoráveis e contrários. Tão interessante, portanto, que nesse passo o *probare*, no âmbito da investigação sobre um objeto, venha associado textualmente à tentativa de elaboração mental de uma forma perfeita, ou seja, daquilo que Cícero reconhece como a *idéa* platônica. Se a interpretação não for exagerada, vale dizer que o passo talvez tenha sido negligenciado pela crítica. Galli, por exemplo, é breve ao dizer que a expressão *probem maxime* significa “trovare eccellente” (CICERONE, 1937, p. 13). Tendo em vista a discussão que se desenvolve depois, que relaciona construção de um ideal, falta de esperança e inação, difícil não pensar que a argumentação tem um pano de fundo neoacadêmico. Por outro lado, vale dizer que o termo *genus* aqui não está limitado à noção de gênero de elocução e à teoria que Cícero desenvolve a partir da seção 20.

³³ Assim traduzimos o verbo *exprimo*, para destacar que é termo que faz parte do jargão das artes plásticas (da escultura, por exemplo), bem como *figura*, que ocorreu antes. Ora, por um lado, uma reflexão sobre as artes plásticas vai servir de ponto de partida para o desenvolvimento do conceito platônico de *forma*. Por outro, o verbo *exprimo*, tomado nesse sentido bem concreto, aparece em uma bela imagem na seção 7, especialmente significativa para a compreensão da abordagem que Cícero faz do conceito platônico. Cf. *Orat. 7: ut ex ore aliquo quasi imago exprimat*, passagem que comentamos abaixo.

³⁴ Levando em consideração a teoria do conhecimento da chamada Nova Academia, é muito significativo encontrar essa tensão entre o valor da pesquisa que constrói abstrações, formas ideais, e a possibilidade de ação por parte do homem. Forjar a perfeição poderia gerar em alguns *desperatio*, falta de esperança, porque o homem é limitado e a verdade é difícil de alcançar. Para os críticos do pensamento acadêmico, essa filosofia reduziria o homem à dúvida sobre todas as coisas e, daí, à inação. O acadêmico, por sua vez, pensa que se resguarda disso, porque compreende de antemão que a verdade é inalcançável; contenta-se, então, com um conhecimento *probabile*, que serve de fundamento para suas ações. Que o *probabile* é fundamento suficiente para a ação humana, fica claro a partir, por exemplo, de uma célebre passagem do diálogo *Lucullus*: Cic. *Acad. pr.* 100.

serem almeçadas³⁵. Ora, se por acaso faltar a alguém, por sua própria natureza³⁶, aquela força de um engenho superior, ou se tiver sido pouco armado pelo estudo das artes superiores³⁷, mantenha todavia o curso que for possível³⁸. Pois é honroso³⁹ a quem persegue os primeiros postos, achar-se entre os segundos e terceiros. Com efeito⁴⁰, entre os poetas, não há lugar para Homero apenas – para falar dos gregos – ou apenas para Arquíloco, ou para Sófocles, ou para Píndaro, mas para os que vêm depois deles e até mesmo para os que vêm depois ainda desses outros⁴¹. 5 Na verdade, no que diz respeito à filosofia, nem a amplitude

³⁵ A construção, que cria um jogo entre flexões distintas de uma mesma palavra (*omnis... omnia; magnas... magno*), associada ao tom sapiencial, confere ao período um caráter sentencioso. Por isso traduzimos o perfeito gnômico *concupiuerunt* por um presente de valor generalizante.

³⁶ A lição *aut natura sua aut* é atestada, segundo Galli (CICERONE, 1937, p. 14), em todos os códices. Os editores, no entanto, têm discutido sobre a passagem e adotado soluções diversas. Alguns suprimem *aut natura sua* (cf. CICÉRON, 1964, p. 119), considerando a expressão como uma glosa de *uis ingenii*. Na passagem, Cícero distingue dois aspectos da eloquência: um devido às disposições naturais do orador e outro devido ao que se adquire por aprendizado. *Natura* e *uis ingenii* recobririam o mesmo domínio, o das disposições inatas, de modo que a disjunção sugerida por *aut* soaria contraditória. Uma possível solução é considerar *natura*, de modo restrito, como uma referência exclusiva às disposições físicas. Haveria, então, uma distinção entre o que é inato quanto ao espírito e o que é inato quanto ao corpo. Outra solução, adotada por Madvig (cf. CICERO, 1903, *ad locum*), consiste em suprimir o segundo *aut* e, então, entender *natura sua* como um ablativo. Foi a opção que adotamos.

³⁷ De início, atente-se para o uso do jargão militar, recorrente, quando se fala da *eloquentia*, que, como a guerra, é uma disputa. Na perspectiva de Cícero, o estudo dá armas para o orador, especialmente o estudo das *Magnae artes*. A expressão (cf. CICERONE, 1937, p. 14), assim como *optima studia*, da seção 5, faz referência à ampla formação cultural necessária para o orador concebido por Cícero, sobretudo nos ensinamentos de filosofia, direito, história, poesia (cf. *Orat.* 100-120).

³⁸ *Tenere cursum*: a expressão parece emprestada do jargão náutico.

³⁹ Outra afirmação de tom sentencioso. Galli (CICERONE, 1937, p. 15) glosa *honestum est* por “é decoroso”. A ideia geral do adjetivo é a daquilo em que há *honos*, “distinção”, “honra”. Não esqueçamos, no entanto, a importância do termo *honestum* no jargão teórico de Cícero. É termo que utiliza, em textos de filosofia moral, para tratar do belo moral. É assim que ele traduz o conceito de *tò kalón*, o sumo bem dos estoicos. Sobre o conceito e a tradução, veja-se, por exemplo, Cic. *Fin.* II, 45 e 48. Este passo no *Orator* traz uma interessante reflexão sobre os limites da condição humana, em que, tendo como pano de fundo a prudência gnosiológica da Nova Academia, o autor parece acenar para a teoria moral estoica. A afirmação nos faz pensar no símile do arqueiro, que no livro III do *De finibus* serve para ilustrar o sumo bem estoico (cf. Cic. *Fin.* III, 22). É belo, moralmente, o esforço para atingir o alvo, dispor-se corretamente, fazer os movimentos corretos. Acertar o alvo, no entanto, que é o propósito da ação, pertence à fortuna. O belo moral consiste em tentar, da melhor maneira, acertar o alvo. A inércia e a apatia, por outro lado, é que são condenáveis, bem como qualquer disposição que prejudique a tentativa e que dependa de quem está tentando. Transportando a ideia para o contexto do *Orator*, podemos pensar que o reconhecimento do limite (seja epistemológico, seja prático) não é justificativa para a inação, nem para o investigador que pretende encontrar a forma ideal da eloquência, nem para o orador que, de posse dessa abstração, pretenda compor e pronunciar um discurso. Por outro lado, e tendo em vista a argumentação por exemplos que se inicia a seguir, a sentença também faz pensar na relação que se estabelece entre uma obra de arte e uma anterior que lhe tenha servido como modelo de *imitatio*, de composição.

⁴⁰ A partícula *nam* introduz uma argumentação por exemplos, que vem emoldurada por dois períodos de caráter sentencioso (cf. seção 4 e seção 6). Em primeiro lugar são mencionados os poetas (cf. 4); em seguida, os filósofos (cf. 5); depois, os artistas manuais: pintores e escultores (cf. 5); por fim, os oradores (cf. 6).

⁴¹ Note-se que a enumeração parece levar em conta uma divisão por gêneros poéticos. A abordagem faz pensar nos cânones, tão importantes no período alexandrino (que conhecemos por meio da *Chrestomatia* de Proclo, por exemplo) e que tiveram tanto impacto na recepção romana da poesia

de Platão⁴² afugentou Aristóteles de escrever, nem o próprio Aristóteles, com um conhecimento fundamentado, copioso e admirável⁴³, extinguiu o ardor dos demais pelos estudos.

E não apenas não foram afugentados dos mais excelentes estudos os homens superiores⁴⁴, mas nem mesmo os artífices abandonaram suas artes⁴⁵, porque não puderam imitar a beleza⁴⁶ do *Iáliso*⁴⁷, que vimos em Rodes, ou da *Vênus de Cós*⁴⁸; nem, tendo sido os demais afugentados pela imagem do *Júpiter*

grega. Há Homero como representante da excelência na poesia épica; Arquíloco aparece como representante do *iambos*. Sófocles é referido para a tragédia e a mélica é contemplada com a menção a Píndaro.

⁴² Para Galli (CICERONE, 1937, p. 15), a *amplitude* que aqui se atribui a Platão diz respeito sobretudo às qualidades literárias do autor grego. É o que o comentador infere a partir do uso da expressão *deterruit a scribendo*. Mas não podemos esquecer que, para Cícero, *res* e *uerba* não são dissociáveis senão didaticamente. Neste mesmo *Orator*, o autor defende a adequação entre essas partes constitutivas do discurso (cf. 69-74). O discurso louvado como *amplus* só poderia ser abundante no que diz respeito às palavras, caso a profusão verbal fosse acompanhada de amplitude de matéria, de conhecimentos. Sem isso, pecaria quanto ao decoro, conteria um desajuste entre suas partes constituintes.

⁴³ Por um lado, quisemos destacar aquilo que, para Cícero, parece ser o traço distintivo de Aristóteles. *Scientia* é termo importante no jargão filosófico, que traduz o grego *epistéme*. Ressalta-se, no filósofo de Estagira, um certo tipo (cf. *quadam*) de argumentação, rigorosa e bem fundamentada; é também copiosa, o que se poderia entender, nesse contexto, como exaustiva, sem deixar de considerá-la sob a perspectiva discursiva, isto é, no que diz respeito à abundância verbal. Por outro lado, para tornar o texto mais claro, decidimos desfazer o que parece ser uma hendíade: *scientia et copia* (cf. CICERONE, 1937, p. 15).

⁴⁴ Note-se a diferença de valor atribuído às ocupações. Os homens mais excelentes se dedicam aos *optima studia*; para lembrar um sentido possível de *studium*, que acaba ser evocado no período anterior, por meio da imagem *studia restinxit*, poderíamos dizer que eles têm desejos, inclinações mais elevadas; no contexto, trata-se do ardor que conduz à poesia e à filosofia.

⁴⁵ De menor importância são os *opifices*, contrastados com os *excellentis uiri*. Aos *optima studia* (ou *magna artes*) se contrapõem as *artes* dos artífices, tomadas como menores e mais restritas por contraste e por meio do uso do reflexivo *suus*. Trata-se aqui dos artistas plásticos, que, mesmo se comprometidos com ocupação de menor prestígio, vão servir para a hábil argumentação que constrói, paulatinamente, o já evocado conceito de *idéa*.

⁴⁶ Interessante notar a diretriz emulativa por meio da qual Cícero compreende a arte antiga. Aqui, “imitar a beleza”, evidentemente, não quer dizer reproduzir o quadro, criando uma espécie de cópia, mas, evidentemente, em outra obra, igualar a perfeição formal de um modelo especialmente admirado.

⁴⁷ Iáliso é um herói mítico, epônimo da cidade de Iáliso, na ilha de Rodes (GRIMAL, 2005, p. 238). A obra mencionada por conta de sua excelência (*pulchritudo*) é de Protógenes, pintor que esteve ativo no fim do século IV a. C., natural de Caunos, na Ásia Menor, a quem a tradição atribui pinturas extremamente elaboradas. *Vidimus* parece indicar que Cícero teve a oportunidade de contemplar o quadro. Sabemos que ele esteve em Rodes em 78 a. C. e, depois, em 50 a.C. Protógenes era o grande rival de Apeles, pintor cuja obra é mencionada logo abaixo. Segundo Plínio, o antigo, (cf. *Plin. Sen. H.N.* XXXV, 80, *apud* CICERONE, 1937, p. 16), Apeles se declarava superior a Protógenes: (*Apelles*) *dixit omnia sibi cum illo paria esse... sed uno se praestare, quod manum de tabula sciret tollere*: “Apeles dizia que tudo entre os dois era muito semelhante, mas que ele próprio se destacava em um aspecto: o fato de que sabia tirar a mão do quadro”. O *Iáliso* teria demorado sete anos para ser pintado e era tão belo, conta Eliano (XII, 41, *apud* CICERONE, 1937, p. 16), que o próprio Apeles, ao vê-lo concluído, ficou admirado.

⁴⁸ Cós é uma ilha situada no mar Egeu, um pouco ao norte de Rodes. A pintura aqui referida é de Apeles, pintor da Ásia Menor. Era o pintor preferido de Alexandre Magno. Os antigos nutriam por suas obras notável admiração, sobretudo pela graça de suas figuras e leveza dos traços. O quadro representaria a deusa Afrodite no momento de seu nascimento, emergindo do mar. Originalmente, a

*Olímpico*⁴⁹ ou pela estátua do *doríforo*⁵⁰, deixaram de experimentar o que fossem capazes de fazer ou até onde pudessem avançar. Houve uma quantidade tão grande dessas obras, tão grande prestígio para cada uma em seu gênero, que, ainda que admirássemos as obras-primas, aprovaríamos, entretanto, as menores.⁵¹

6 Entre os oradores, no entanto, entre os gregos, ao menos, é admirável o quanto, dentre todos, um se sobressai; e, todavia, mesmo havendo Demóstenes, existiram muitos oradores grandes e ilustres e, antes dele, muitos haviam existido e não estiveram em falta depois⁵². Por isso, não há por que a esperança se abata ou se enfraqueça a diligência⁵³ dos que se dedicaram a cultivar a eloquência. Pois

pintura ficava no templo de Afrodite na ilha de Cós. Foi trazido para Roma por Augusto, que a comprou (CICERONE, 1937, p. 16).

⁴⁹ Da pintura Cícero passa à escultura. A estátua de Zeus, situada no templo em que se cultuava esse deus em Olímpia, era considerada a obra-prima de Fídias, dentre as suas esculturas. O artista ateniense, ativo no século V a. C., foi responsável por muitas das obras fomentadas por Péricles na acrópole ateniense. A estátua aqui referida teria por volta de 14 metros de altura. Feita de ouro e marfim, representava o deus sentado em seu trono, o qual era ricamente ornado com estatuetas e alto relevos (CICERONE, 1937, p. 17).

⁵⁰ Obra de Policleto. Célebre escultor do séc. V a. C. Natural de Sícion, no Peloponeso, é outro importante expoente da arte argiva. A escultura representava, como o nome em grego indica, um guerreiro portando uma lança (*dóry*). O escultor é lembrado muitas vezes pelo estudo das proporções entre as partes do corpo humano, que deixou registrado em uma obra, o *Canon* (CICERONE, 1937, p. 17).

⁵¹ O texto é conciso. O argumento pode ser desenvolvido assim, para se tornar mais claro: houve um número enorme de obras de pintura e escultura; dentre essas, muitas foram louvadas por suas qualidades, seja na pintura, seja na escultura. Ora, se mesmo perto das obras-primas encontraram espaço para o louvor, é porque são dignas da aprovação estética: são belas, mesmo que haja algumas belíssimas. Destaque-se, além disso, tendo em vista que o termo é tão importante, o uso do verbo *probare* em referência à aprovação meramente estética. De todo modo, vale a pena refletir sobre a relação que novamente se desenha entre o ideal (claro que aqui se deve fazer uma ressalva, pois mesmo a obra excelente não é ideal, por mais que seja usada como elemento que permite vislumbrar a noção de ideal), que gera *admiratio* e aquilo que, por outro lado, reconhecemos como inferior ao ideal e, no entanto, nós aprovamos. Na economia do tratado, não custa lembrar que toda essa argumentação que favorece a criação da noção de “perfeição”, fundamental para a defesa do método, desenvolve-se também como meio de demonstrar a pertinência da empresa: traçar o ideal de uma arte é uma tarefa grandiosa e talvez inalcançável; e não deveria desencorajar quem vai se exercer na arte.

⁵² Célebre orador ateniense, nascido em 384 a. C. Sobressaiu-se, sobretudo, na oratória deliberativa, com discursos nos quais defendia suas convicções políticas no contexto das investidas militares macedônicas. É sem dúvida um grande modelo de oratória para Cícero, que, por exemplo, nomeia *Filípicas*, a partir dos discursos de Demóstenes, uma série de ataques contra o general Marco Antônio, compostos em 44 a. C. Na seção 22 do *Orator*, Cícero aproxima Demóstenes do ideal de eloquência, mesmo se reconhecendo que esse ideal não se realizou historicamente. Com relação à presente passagem, note-se que, por meio do agenciamento verbal, graças ao uso de *admirabile est*, Demóstenes é associado às obras-primas que produzem nos homens admiração (cf. *miraremur*). O adjetivo havia sido associado também a Aristóteles, cujo conhecimento foi qualificado de *admirabilis*.

⁵³ Note-se, de início, o quiasmo em *spes infringatur aut languescat industria*. Por meio da figura sintática, realça-se uma relação de causa e efeito. A excelência poderia produzir desesperança; por conta do receio de não se atingir a perfeição. Por falta de esperança, o homem arrefece sua aplicação. Ora, a *industria* é uma virtude bem própria da moral tradicional romana. Sob esse aspecto, associa-se especialmente à participação política, mas designa, de modo geral, o empenho incessante, a atividade, a entrega completa, o emprego de toda energia em algo.

nem mesmo com relação àquilo que é excelente deve desesperar-se; dentre as coisas superiores, grandes são as que estão próximas das excelentes⁵⁴.

7 Quanto a mim, ao configurar o orador supremo, forjarei⁵⁵ um de tal tipo que talvez ninguém tenha sido⁵⁶. Pois não busco um que tenha existido, mas o que seja aquilo⁵⁷ com relação a que nada pode ser superior, aquilo que, ao longo de um discurso, não se manifesta amiúde, com seu brilho, e nem sei se jamais se manifestou, mas que pode se manifestar alguma vez, em alguma parte, com maior frequência entre alguns, entre outros talvez mais raramente⁵⁸. 8 Mas o que estou estabelecendo é que não há nada em algum gênero tão belo⁵⁹, com relação a que não seja isto mais belo, a partir do que aquilo se reproduza assim como uma máscara, por assim dizer, a partir de algum rosto⁶⁰, algo que⁶¹ nem pelos olhos, nem pelos ouvidos, nem por algum sentido pode ser percebido, apenas com o pensamento e com a mente compreendemos⁶². Dessa forma, também não

⁵⁴ Outro período de sabor sentencioso, que lembra *prima enim sequentem...* etc. da seção 4. A primeira *sententia* abre a argumentação por meio de exemplos. Esta, por sua vez, encerra esse passo argumentativo. Abre-se o parágrafo seguinte com a retomada do propósito central do tratado: uma investigação sobre o *summus orator*.

⁵⁵ *Informabo*. Trata-se da primeira ocorrência da raiz de *forma*, substantivo que vai concorrer com *species* na designação do conceito platônico de *idéa*.

⁵⁶ Com *fingendo* e *informabo*, que retomam *species* e *figura* da seção 2, o autor retorna ao propósito do tratado.

⁵⁷ Com o uso do neutro (cf. *quid sit illud*), demarca-se bem que não se trata da busca por um orador individual excelente, mas sim da construção de um conceito.

⁵⁸ A ideia geral, sugerida por uma expressão como *in aliqua parte*, que Galli glosa como “aqui e ali” (cf. GALLI, 1937, p. 19), é que a perfeição da eloquência (que é um ideal) pode se manifestar empiricamente em uma ou outra passagem de um discurso, mas nenhum orador incorporou esse ideal, de modo a ter sido sempre excelente, nem mesmo ao longo de um discurso apenas.

⁵⁹ Mesmo com a concessão feita, Cícero aponta para o fato de que sua investigação não pensa em casos particulares, mas no ideal mesmo de oratória, o qual seria excelente em qualquer parte a que se aplicar, em qualquer gênero. E sempre.

⁶⁰ Toda a passagem, com esse acúmulo de pronomes, anáforas e relações, é concisa e difícil, porque conta também com uma imagem ousada: *id... unde illud ut ex ore aliquo quasi imago exprimatur...* *Id* é o ideal de oratória, é o conceito de oratória perfeita; *unde illud*, a partir desse ideal, *ut ex ore*, como que a partir de um rosto, *imago exprimatur*, é forjada, modelada uma máscara. Na imagem, a máscara ocupa então lugar análogo ao das manifestações empíricas, históricas, da eloquência perfeita. Qualquer momento brilhante de um orador qualquer não é senão um simulacro do ideal, assim como uma máscara de cera com relação ao rosto de onde ela é extraída... O autor, ao que tudo indica, está se referindo a algo como as conhecidas *imagines maiorum*, máscaras de cera modeladas a partir do rosto humano, para uso no contexto da celebração funerária e para a preservação da memória dos antepassados das famílias ilustres. Note-se a modulação de *quasi*, que marca o uso do termo *imago*. Com a analogia, o autor se faz compreender, recorrendo a um elemento mais palpável, ao menos no âmbito da experiência de seus leitores romanos. E a ilustração é de uma pertinência notável, além de muito consistente com a teoria platônica: o ideal é, em última instância, a realidade superior, como o rosto vivo; a manifestação histórica é como a máscara, fixa, sem vida, decalcada a partir do rosto de alguém. É claro que se pode discutir a ortodoxia de uma *idea* de eloquência, mas, dentro da teoria ciceroniana, a imagem se harmoniza com um traço fundamental: o rosto humano, de que a máscara é uma cópia fixa e pálida, é capaz, enquanto vivo, de variar a expressão de acordo com as circunstâncias.

⁶¹ *Quod* retoma *id*, ou seja, o ideal de oratória.

⁶² Aquilo que é ideal, que não se realiza de modo integral historicamente (senão esporadicamente e, mesmo assim, de modo imperfeito, como uma pálida reprodução do que é ideal), não pode ser

vemos nada mais belo do que as imagens de Fídias, em seu gênero⁶³, e do que aquelas pinturas que mencionei; no entanto, podemos conceber no pensamento coisas mais belas⁶⁴. 9 Ora, nem o famoso artífice, ao dar forma⁶⁵ às estátuas de Júpiter ou de Minerva⁶⁶, contemplava uma pessoa, a partir da qual tomasse a semelhança, mas em sua mente se insinuava⁶⁷ uma forma, como que separada⁶⁸, da própria beleza; observando-a⁶⁹ e a ela preso, dirigia a mão e a arte à sua semelhança⁷⁰.

percebido pelos sentidos. É algo a que se tem acesso apenas com o intelecto. É abraçado pela *mens* e pela *cogitatio*. *Mens* é a sede da alma; *cogitatio*, a operação principal dessa sede da alma.

⁶³ Isto é, dentre as esculturas, já que se faz uma nítida distinção entre esse *genus* e o das *picturae*.

⁶⁴ Cícero acabara de utilizar Fídias e outros artífices para ilustrar aquilo que fosse o mais excelente dentre as coisas que se puderam produzir. A ideia de excelência, portanto, foi forjada a partir de exemplos históricos: as mais excelentes obras de arte conhecidas. Agora, dá um passo adiante em direção à abstração. Aquilo que havia sido considerado como absoluto perde espaço frente ao que é de fato absoluto: o belo em si, a ideia de beleza, pela qual foi guiado Fídias. A obra do escultor ateniense aparece, finalmente, como uma *imitatio* da beleza em si.

⁶⁵ *Facere formam*. Primeira ocorrência do substantivo *forma*, cuja raiz já aparecera em *informabo*. Note-se, no entanto, que a ideia aqui é de modelar, forjar, dar forma, num sentido bem concreto. Ou seja, a raiz flutua, ao longo do prefácio, entre usos que apontam para seu sentido mais corriqueiro e a aplicação para o tratamento do conceito platônico.

⁶⁶ Faz-se referência a uma outra obra de Fídias, a *Athenâ Parthénos*, isto é, “Atena Virgem”, também dita *Nikephóros*, pois a estátua, da deusa em pé (com 12 metros de altura), que se encontrava no *Parthenón*, representava-a portando na mão uma Vitória alada. Assim como o Zeus de Olímpia, era também de ouro e marfim. A deusa portava ainda um escudo e o elmo ático, com três cimeiras (CICERONE, 1937, p. 20).

36

⁶⁷ *In mente insidebat species*. Passo destacado por quem busca aferir a fidedignidade da abordagem feita por Cícero do pensamento platônico. A controversa teoria platônica das *idéai* falava (ao menos no livro X da *República*, porque há concepções diferentes em diferentes diálogos) de um lugar separado, em que existiriam as tais *formas* perfeitas das coisas. A esse mundo das ideias, e às formas, nossa mente acederia. As coisas sensíveis, por sua vez, existiriam por tomarem parte das *formas* perfeitas. Alguns apontam que neste passo Cícero trataria das formas como algo que existe nas nossas mentes, concepção que se afastaria do pensamento de Platão. Mas podemos considerar que o verbo em questão não é o verbo de estado *insideo*, *ēre*, mas o verbo de movimento *insido*, *ere*. É verdade que o verbo *insido*, no sentido de “insinuar-se”, “penetrar”, sentido derivado de “parar em, assentar-se em”, constrói-se mais comumente com dativo, ou com acusativo preposicionado. Mas há ocorrências de ablativo preposicionado também. Foi a opção de leitura sintática que adotamos para a tradução. O movimento, de todo modo, seria diferente do descrito por Platão. Não somos nós que vamos até as ideias; elas se insinuam na mente, ou, considerando o verbo de estado, nela já se encontram assentadas. Com relação à complexa discussão sobre a qualidade da abordagem ciceroniana da teoria das formas, vejam-se os argumentos de Long (1995, p. 47-50).

⁶⁸ No contexto da discussão sobre a exposição da teoria das ideias, vale a pena especular a respeito de *eximia*. Galli (CICERONE, 1937, p. 20) entende que o termo significa aqui “excelente, que não se pode igualar”, “extraordinário”. De fato, ajusta-se bem ao contexto. Equivaleria a *optima*, da seção 2. No entanto, vale recordar que o adjetivo *eximius* tem um uso em que pode significar “separado”, “reservado”. Deriva do verbo *eximo* e se diz, por exemplo, de uma vítima sacrificial. Poderíamos pensar que, com o adjetivo, o autor estaria chamando atenção para o caráter separado das formas, ou seja, para sua existência independente da mente humana.

⁶⁹ O verbo *intueor*, que tem forte carga durativa e que é do campo semântico da atividade sensorial, está aqui aplicado, obviamente, em referência à *species*, ou “visão” mental... Ora, também *species* tem uma raiz, que comparece no verbo *specio*, a qual aponta para o sentido da vista. Trata-se, aliás, de uma escolha feliz para a tradução das formas gregas *eídos* e *idéa*, ambas relacionadas etimologicamente à visão.

⁷⁰ O uso das estátuas de deuses é especialmente eloquente para ilustrar o argumento. Ao confeccionar a obra, está óbvio que o artista não poderia ver o objeto representado e, assim, guiar a mão a partir da observação direta. Por outro lado, causa estranhamento o fato de que Cícero considere a

Portanto, assim como nas representações e figuras⁷¹ existe algo perfeito e excelente, a cuja forma, percebida pelo pensamento, referem-se, por imitação, aquelas coisas que não se oferecem, por si próprias, aos olhos⁷², do mesmo modo percebemos com a alma uma forma⁷³ perfeita da eloquência⁷⁴, a representação nós alcançamos com os ouvidos. **10** A estas formas⁷⁵ das coisas chama *idéai* aquele que é a mais considerável autoridade e o mais importante professor, não só da reflexão, mas também do discurso: Platão⁷⁶. E ele diz que elas não são geradas; afirma que sempre existiram e que são abarcadas pela razão e pelo intelecto; as demais coisas nascem, morrem, fluem e passam e não permanecem por muito tempo em um só e mesmo estado. Então, tudo aquilo – seja o que for – a respeito do que se discuta com razão e método, deve ser reconduzido à forma última, à última espécie de seu gênero⁷⁷.

possibilidade de que o artífice, o fazedor de imitações (e, portanto, para Platão, afastado em três graus da verdade), possa ter acesso às formas puras, algo que, ao menos a partir do que se lê no livro X da *República* (talvez a mais famosa exposição da teoria das formas), seria privilégio do filósofo. É algo que se alcançaria por meio de um método sistemático de divisões genéricas que permitiria o reconhecimento da espécie última da coisa investigada. Long recorda, no entanto, que no *Fedro* (diálogo inclusive mencionado no *Orator*), Sócrates considera que, dentre todas as formas, a da beleza é aquela mais claramente acessível por meio do sentido da visão, o que, para o estudioso, abriria a possibilidade de sua apreensão por parte do artista (LONG, 1995, p. 49-50). Vale lembrar, de todo modo, que em *República X*, Sócrates condena o tipo de arte que vem sendo produzido pelos gregos, mas não deixa de ressaltar a possibilidade e a relevância de uma arte que se faça segundo o bem em si.

⁷¹ *In formis et figuris*. Mesmo sob risco de produzir ambiguidade, Cícero se refere aqui, por meio de *formae*, não ao conceito platônico, mas às artes plásticas.

⁷² *Ea quae sub oculos ipsa non cadunt*. O passo é difícil e já foi objeto de muita discussão e de tentativas de correção por parte dos editores do texto. Seguimos neste ponto o texto de Westman (CICERO, 1980). A equivocidade comentada acima torna o texto confuso, mas podemos entender que essas belezas, que se cristalizam nas obras de artes plásticas, não são, por si mesmas (*ipsa*), da ordem da visão, não são percebidas pelos olhos de quem cria. São, na verdade, imitações das belezas eternas, das formas puras. As belezas só se submetem aos olhos enquanto imitações da beleza perfeita. Em si mesmas, as belezas eternas não podem ser percebidas pelos sentidos.

⁷³ Em latim, *species*.

⁷⁴ A consideração de uma forma perfeita de eloquência pode ser polêmica. Para alguns, seria até mesmo antiplatônica, mas parece se enquadrar numa perspectiva (que não é estranha à obra de Platão) de tentativa de redenção das artes, incluída a retórica, que poderiam ser afinal usadas em favor da verdade e do bem. Sobre essa questão, veja-se a argumentação de Long (1995, p. 49-50).

⁷⁵ Em latim, *formae*. Optamos por usar “forma” em português e, contrariamente ao que faz Cícero, não variar. Porque aqui o termo é usado inequivocamente para tratar do conceito platônico. Mais adiante, traduzimos *forma* por “ideia”. Mas nesse passo do texto preferimos não antecipar o termo, que surge em grego.

⁷⁶ A correlação *non solum... sed etiam* acena para o quanto de polêmica há em considerar Platão (ferrenho crítico da retórica) como o mais importante professor de eloquência. Cícero já havia destacado a *amplitudo* do discurso do filósofo grego. A organização da oração, além disso, colabora com o tom polêmico, pois o nome do autor, que é o sujeito do verbo anteposto (ordem incomum em latim), só é mencionado, com algum suspense, no final.

⁷⁷ Elencam-se aqui algumas das características das *idéai*: são eternas e não se alteram, não se submetem aos sentidos, são acessadas apenas pelo intelecto, ao contrário das coisas que percebemos pelos sentidos, as quais, por outro lado, nascem e perecem, são transitórias e se submetem às mudanças. As *formae* são ainda entendidas como paradigmáticas, uma vez que todas as coisas do mundo, que se submetem à investigação, podem ser reduzidas a uma forma pura. Afinal, todas as coisas sensíveis só existem porque tomam parte das formas puras. Com relação a essa participação, cf. *compos, Orat.* 101

11 Mas reconheço que esse meu passo introdutório não foi tomado das discussões sobre oratória, mas trazido do seio mesmo da filosofia, e que esta, por sua vez, sendo não só antiga como também um pouco obscura, poderia ficar exposta a alguma crítica ou, pelo menos, produzir alguma admiração⁷⁸. Pois ou perguntarão, admirados, qual é a pertinência disso para o que buscamos – esses estarão satisfeitos depois de a própria coisa se tornar conhecida, de modo a não parecer que foi sem motivo que se tenha ido tão longe – ou criticarão por seguirmos caminhos inusitados e abandonarmos os já trilhados.

12 Eu, de minha parte, não só entendo que muitas vezes dou a impressão de dizer coisas novas, quando digo coisas muito antigas, mas desconhecidas da maioria, como também confesso que eu, como orador, se ao menos sou, ou, ainda, na medida em que o seja, provenho, não dos ateliês dos rétores, mas dos passeios da Academia; com efeito, aquelas pistas se prestam a múltiplas e variadas conversas; nelas, ficaram marcadas, por primeiro, as pegadas de Platão⁷⁹. Mas se pelas discussões desse e de outros filósofos o orador foi especialmente perseguido, por outro lado foi também auxiliado; pois toda a abundância e, por assim dizer, a floresta da eloquência⁸⁰ é tomada dessas discussões; no entanto,

⁷⁸ Destaque-se o uso da expressão *e media philosophia* para tratar da origem da teoria das ideias. Ressalte-se a posição central que tem para o acadêmico Cícero a filosofia de Platão, que o autor romano declara estar retomando. Reconhece-a como um pensamento antigo e obscuro. De fato, em seu tempo, estavam bem mais em voga, eram bem mais conhecidos do público em geral, o epicurismo e o estoicismo. Não deixa de ser interessante a menção à *admiratio* como efeito a se produzir nos leitores com esse recurso à filosofia platônica; essa emoção já fora associada à contemplação das obras-primas das artes plásticas, aos discursos de Demóstenes e ao conhecimento de Aristóteles.

⁷⁹ Observe-se a recorrência, desde a seção anterior, de termos que lidam com o espaço e que colaboram com o estabelecimento de uma associação entre discussão e caminhada. Em 11: *ingressionem, media, uias, indagemus, tritas*; em 12: *officinis, spatiis, curricula, uestigia*. Com a expressão *retorum officinis*, o trabalho dos professores de retórica é aproximado das ocupações de manufatura e se reveste de uma atmosfera de atividade e produtividade. A escola do rétor surge, então, como um lugar de forjar, produzir oradores. Faz-se um contraste com *Academiae spatiis*, expressão com a qual o autor aponta para o aspecto físico mesmo da famosa escola de Platão nos arredores de Atenas, com seus passeios, com o ginásio e com os espaços destinados à exercitação física. Os passeios, as pistas, marcadas com as pegadas de Platão, ganham ares de lugar de treinamento dos futuros oradores, que se preparam, se exercitam nas conversações, variadas e multifacetadas. A veneração de Cícero pelo sítio mesmo da Academia e a expressão da emoção que experimenta com a memória dos pensadores que ali exerceram suas atividades estão belamente representadas no prefácio do livro V do *De finibus*, obra de 45 a. C. Nesse texto, Cícero se representa como jovem estudante de filosofia, em Atenas, tomado de admiração ao longo de um passeio vespertino até a Academia, àquela época já não utilizada como lugar de ensino.

⁸⁰ Poderíamos dizer “matéria do discurso”, “recursos materiais do discurso”, mas preferimos manter um dado do texto que é o caráter inusitado da expressão, que é destacado pelo próprio autor por meio do advérbio *quasi* que modula *silua*. Trata-se de um termo muito concreto, que parece como que mal ajustado ao contexto. Alguns comentadores defendem que *silua* serve aqui para traduzir o grego *hylé*, no sentido de matéria. Se mantivemos a expressão ousada, foi por entender que *silua* está longe de ter em Cícero o sentido técnico já cristalizado no grego *hylé*, que serve tanto para “madeira” quanto para “matéria”. A associação com *ubertas* torna bem compreensível a imagem: a floresta é lugar de abundância, do qual se extraem materiais para construção, por exemplo, e para muitas outras atividades humanas. Galli enxerga uma hendiáde em *ubertas et... silua*, que ele glosa como “rico material” (CICERONE, 1937, p. 24). Do ponto de vista semântico, concordamos. Mas a interposição

uma abundância que não está suficientemente armada⁸¹ para as causas forenses, as quais, como eles próprios costumavam dizer, deixaram para Musas mais rústicas⁸². **13** Desse modo, esta eloquência, a forense, desprezada e repudiada pelos filósofos, careceu, sem dúvida, de muitos e importantes auxílios; ornada, no entanto, por palavras e pensamentos, obteve o efusivo aplauso popular e não se intimidou diante do juízo e da crítica de uns poucos. Dessa forma, tanto aos doutos faltou uma eloquência voltada para o povo, quanto aos bem articulados, uma doutrina refinada⁸³.

14 Que fique estabelecido, de início, isto que depois será mais bem compreendido: sem a filosofia não se pode formar o orador eloquente que buscamos; não que tudo esteja nela, mas que ela assim o auxilie, como a ginástica com relação ao ator⁸⁴: frequentemente as coisas pequenas são comparadas às grandes com muita correção. Pois, sem a filosofia, nem ampla nem abundantemente pode alguém discursar a respeito de assuntos importantes e

do advérbio *quasi* separa os membros da suposta hendíade e ressalta o caráter pouco usual da expressão.

⁸¹ A eloquência se exerce no âmbito de uma disputa, daí a recorrência de termos do âmbito da guerra em seu tratamento. Chama a atenção, por outro lado, que na seção 3 o autor tenha dito que o orador busca armas no estudo das *magnae artes*, dentre elas a filosofia. Aqui fica claro, no entanto, que há armas que não se obtêm nesse tipo de estudo.

⁸² Não está claro a que filósofos Cícero está se referindo, se é que a referência é específica a alguma corrente. Não há notícia de um texto que trate de “Musas agrestes” no contexto de crítica à retórica forense.

⁸³ É difícil encontrar uma boa opção para traduzir *disertus*. A partir do contexto, no entanto, está claro que se trata de um orador que, com algum zelo, com recurso a ornatos de palavras e pensamentos, atinge o favor popular, embora não seja versado (seguramente não de modo profundo) nos estudos de filosofia. Sua prática discursiva é associada aqui à retórica forense e a uma audiência mais ampla, menos elitizada. No *De oratore*, obra de 55 a. C., a personagem Antônio (cujo livro é mencionado aqui no *Orator*) faz uma distinção entre o orador *eloquens* e o *disertus*. No contexto, Antônio, seguindo um filósofo da corrente acadêmica, Carmadas, acabara de defender que o orador só poderá discursar de modo hábil e copioso, se detiver o conhecimento sobre aquilo que versam os mais eruditos filósofos. *Itaque ego (...) scripsi etiam illud quodam in libello, qui me imprudente et invito excidit et pervenit in manus hominum, disertos cognosse me non nullos, eloquentem adhuc neminem, quod eum statuebam disertum, qui posset satis acute atque dilucide apud mediocres homines ex communi quadam opinione hominum dicere, eloquentem vero, qui mirabilius et magnificentius augere posset atque ornare quae vellet, omnisque omnium rerum, quae ad dicendum pertinerent, fontis animo ac memoria contineret.* (“Desse modo (...) eu cheguei mesmo a escrever (em certo livrinho que, sem que eu me desse conta e contra a minha vontade, escapou-me e chegou às mãos das pessoas) que travei conhecimento com alguns *diserti*, mas, até aqui, nenhum *eloquens*. Pois eu estabelecia como *disertus* aquele que fosse capaz de discursar de modo suficientemente agudo e claro em meio a homens ordinários de acordo com a opinião comum dos homens; já o *eloquens*, aquele que fosse capaz de amplificar e ornar, de modo admirável e grandioso, o que quer que desejasse e que em sua alma, em sua memória, abarcasse todas as fontes de todos os conhecimentos que dissessem respeito à oratória.” Cic. *De or.* I, 95).

⁸⁴ A analogia reforça uma ideia que já foi expressa: a filosofia ajuda o orador, mas há coisas que o orador tem que buscar em outra parte. Da mesma forma, o *histrion*, o ator de teatro, tem na ginástica parte de sua formação, porque precisa do corpo bem treinado para desempenhar os movimentos que dele se espera, como, por exemplo, nas danças que desempenha. Se pensarmos especialmente na comédia, há os saltos, a correria, as simulações de golpes e coisas do tipo. Mas boa parte do ofício do ator vem de outros domínios: o jogo de atuação, a variação adequada do semblante, a interpretação do texto, que passava pela correta expressão de emoções, mas também pela execução métrica, para ficar em alguns exemplos.

variados – **15** tanto é verdade, que no *Fedro* de Platão, inclusive, Sócrates diz que Péricles foi superior aos demais oradores por ter sido discípulo do físico Anaxágoras. Considera que de Anaxágoras ele não só aprendeu algumas outras coisas distintas e grandiosas, como também, por causa dele, tornou-se abundante e fecundo e pôde saber – aquilo que é o mais importante na eloquência – por que tipo de discurso cada uma das partes da alma seriam movidas⁸⁵; e o mesmo se pode estimar de Demóstenes, de cujas cartas se pode compreender com que assiduidade esteve a ouvir Platão⁸⁶. **16** Na verdade, sem os ensinamentos dos filósofos, não podemos discernir o gênero e a espécie⁸⁷ de cada coisa, nem, por uma definição, revelá-la, nem dividi-la em partes, nem decidir que coisas são verdadeiras e quais são falsas, nem discernir as consequências, ver as contradições, distinguir as ambiguidades. E que dizer da natureza das coisas, cujo conhecimento fornece abundância ao discurso? E que dizer da vida, dos deveres, da virtude, dos modos de ser? Sem um vasto aprendizado destas coisas, justamente, é possível dizer ou compreender algo?⁸⁸

17 A esses conhecimentos, tão importantes e numerosos, devem ser acrescentados os incontáveis ornamentos, os quais eram, àquela época ao menos⁸⁹, os únicos ensinamentos oferecidos por aqueles que se contavam entre os professores de oratória; disso decorre que aquela verdadeira e absoluta eloquência ninguém tenha alcançado, pois uma coisa é aprender a pensar, outra, aprender a se expressar; e uns buscam ensinar a respeito da matéria, outros, a respeito das palavras.

18 Dessa forma, Marco Antônio, a quem a geração de nossos pais atribuía o primeiro lugar em eloquência, homem por natureza muito agudo e prudente, naquele livro, que foi o único que ele deixou, afirma ter visto muitos oradores bem articulados, mas absolutamente nenhum eloquente. Insinuava-se, é

⁸⁵ A referência é ao passo 269e-270 do *Fedro* de Platão. Péricles foi um importante político ateniense do século V a. C. Anaxágoras, proveniente da Lídia, na Ásia Menor, foi um filósofo naturalista que esteve ativo em Atenas também no século V a. C. Conhecido pela doutrina da *homeomeria*, de seus escritos temos apenas poucos fragmentos. Com relação à argumentação ciceroniana, vale a pena observar o destaque dado à moção dos afetos como a parte mais importante da atividade do orador, capacidade aqui relacionada ao estudo da natureza, que, na Antiguidade, lidava também com o estudo da natureza humana.

⁸⁶ Também no *Brutus* (121) se encontra essa menção a uma suposta ligação entre Demóstenes e Platão. Ao que tudo indica Cícero tinha por autênticas cartas falsamente atribuídas a Demóstenes (CICERONE, 1937, p. 27). Outras fontes antigas também dão testemunho dessa relação, a qual é geralmente rechaçada pela crítica moderna (CICERO, 1966, p. 100).

⁸⁷ *Species* aqui traduz o conceito de *eídos*.

⁸⁸ Seguindo uma divisão da filosofia em três partes, a qual se atribui aos acadêmicos (cf. Cic. *Acad. post.* I, 19; passagem em que a personagem Varrão atribui a divisão ao próprio Platão), o autor considera os benefícios trazidos à retórica pela lógica (ou dialética), pela física e pela ética.

⁸⁹ *Tum* se refere ao tempo, para o qual se acena de algum modo nas seções 12 e 13, em que se deu a separação entre o estudo da matéria e o da expressão verbal. A partir de então, coube à filosofia tratar da matéria do discurso. Os professores de oratória se contentaram com lidar com os aspectos formais. *Quidem*, por outro lado, indica que essa separação foi pontual. Não existia antes. E Cícero se esforça agora por superá-la.

evidente, em sua mente, uma forma da eloquência, que ele percebia com a alma, mas que não via na realidade. Entretanto, homem de uma inteligência penetrante, como de fato era, sentindo falta de muita coisa tanto em si quanto nos outros, não via ninguém absolutamente que pudesse com razão ser chamado eloquente. **19** Ora, se ele não considerou eloquente nem a si mesmo nem a Lúcio Crasso, abarcou com a alma e tinha à disposição, sem dúvida, como que uma forma da eloquência; e já que a ela nada faltava, não podia incluir nessa forma aqueles aos quais faltavam algo ou muitas coisas.⁹⁰

Sigamos no encaço, portanto, Bruto, se formos capazes, desse orador que Antônio jamais viu ou que ninguém, absolutamente, jamais foi. Se dele não pudermos criar uma imagem ou uma representação, algo que – ele mesmo dizia – mal se concedia a um deus, seremos ao menos capazes de dizer, talvez, de que tipo ele deve ser.⁹¹

REFERÊNCIAS

CICERO. *Brutus*. Edited by A. E. Douglas. Oxford University Press, 1966.

CICÉRON. *L'orateur / Du meilleur genre d'orateurs*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1964.

CICERONE. *Opere Retoriche*. Volume primo: *De oratore, Brutus, Orator*. A cura di Giuseppe Norcio. Turim: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1970.

CICERO. *Orator*. Comentários de Wilhelm Kroll. Berlim: Weidmannsche, 1961.

⁹⁰ Neste parágrafo são mencionados os dois mais célebres oradores da geração anterior à de Cícero: Marco Antônio e Lúcio Licínio Crasso, atores políticos de destaque no fim do século II e começo do século I a. C. Comparecem como personagens principais no diálogo *De oratore*, composto em 55 a. C., cuja cena representada se passa em 91 a. C. Em traços gerais, Cícero destaca na eloquência de Crasso a vasta cultura, o conhecimento das doutrinas gregas, a argumentação espirituosa, a pureza da linguagem. Antônio, por outro lado, projetava de si a imagem de alguém avesso ao excesso de doutrina grega (muito embora, para Cícero, fosse sobretudo uma construção, que não se ajustava à verdade) e mais apegado à prática. Cícero, mesmo reconhecendo em Crasso uma superioridade quanto ao estilo, destaca em Antônio o espírito agudo, a capacidade de dispor de modo eficiente os argumentos e, muito especialmente, a capacidade patética. Sobre os indivíduos históricos, sobre a composição das personagens e também sobre a avaliação da eloquência de ambos por parte de Cícero, veja-se CICERONE, 1970, p. 22-26. Quanto ao texto do *Orator*, vale a pena destacar a habilidosa argumentação por meio da qual Cícero acomoda seu uso da teoria platônica e sua consideração acerca do ideal de eloquência ao julgamento de Crasso, extraído do livro de Antônio, que daria conta da inexistência histórica do orador eloquente.

⁹¹ Recordemos que o verbo *imitator* foi utilizado para tratar da operação realizada pelos artistas plásticos, quando se atêm à beleza pura para forjar suas esculturas, por exemplo. Já o verbo *exprimo* apareceu no passo que tratava da máscara, forjada a partir do rosto humano. Ora, o autor está reforçando a dificuldade (senão a impossibilidade) de forjar na prática o orador perfeito; contenta-se, no entanto, com descrevê-lo teoricamente, seguindo um método filosófico.

CICERONE. *Orator*. Introduzione e commento di Francesco Galli. Milano: Carlo Signorelli, 1937.

CICERO. *Rhetorica*, Tomus II. *Brutus, Orator, Partitiones oratoriae, Topica*. Recognovit breuique adnotatione critica instruxit A. S. Wilkins. Oxford: Oxford University press, 1903.

CICERO. *Scripta quae manserunt omnia*. Fasc. 5. *Orator*. Rolph Westman (editor). Leipzig: Teubner, 1980.

GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

LONG, A. A. Cicero's Plato and Aristotle. In: *Cicero the philosopher / Twelve papers*. Edited and introduced by J. G. Powell. New York: Clarendon, 1995, p. 37-61.

NARDUCCI, E. *Orator* and the definition of the ideal orator. In: MAY, J. M. *Brill's Companion to Cicero's Oratory and Rhetoric*. Leiden, Boston, Köln: Brill, 2002, p. 427-444.

POWELL, J. G. *Cicero the philosopher / Twelve papers*. Edited and introduced by J. G. Powell. New York: Clarendon, 1995.

Data de envio: 09/03/2023

Data de aprovação: 12/06/2023

Data de publicação: 14/07/2023